

# O MARTÍRIO DE UM ESCRIVENTE DE GABINETE

## THE MARTYRDOM OF AN OFFICE CLERK

Renato Nunes Bittencourt<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo aborda o fenômeno moderno do dispositivo burocrático como uma ramificação da sociedade disciplinar e de que maneira a vida profissional construída em um escritório pode embotar nossa percepção da realidade. Como exemplo narrativo dessas novas formas de poder trazidas pela consolidação da civilização capitalista, analisamos a novela de Herman Melville, *Bartleby, o escrevente*.

**Palavras-Chave:** Positividade; Contingência; Gerencialismo; Tecnocracia.

**Abstract:** The article approaches the modern phenomenon of bureaucratic device as an offshoot of disciplinary society and how professional life built in an office can dull our perception of reality. As a narrative example of these new forms of power brought about by the consolidation of capitalist civilization, we analyze the novel by Herman Melville, *Bartleby, the scrivener*.

**Keywords:** Positivity; Contingency; Managerialism; Technocracy.

### Introdução

Toda grande obra literária expressa as inquietações sociais de sua época e ecoa nas suas páginas um clamor por reconhecimento das contradições estruturais nas quais o homem comum está aferrado e que dificilmente consegue se desvencilhar, para maior fortalecimento de nossa miserável condição.

Herman Melville, em *Bartleby, o escrevente*, consegue apresentar o caráter insólito e extravagante de um indivíduo que qualquer um que seja avesso ao processo tecnocrático de despersonalização aspira emular. O protagonista de sua narrativa é um herói sem qualidades virtuosas (conforme os critérios clássicos de nobreza moral e do singularismo romântico), que desnuda a insanidade de um mundo regido pela racionalidade instrumental, onde a disciplina, a rotina enfadonha, o oportunismo, a logística, o fluxograma e a rapidez processual da circulação de documentos determinam a eficácia doentia do modo de vida da civilização moderna, tecnocrática e administrada para conter

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor do Curso de Administração da FACC-UFRJ

justamente a energia pulsante do ser humano e suas contingências, que são um verdadeiro perigo político para todo sistema engessado de poder que nos constitui moralmente.

### **As modernas estruturas organizacionais**

A sociabilidade moderna é riquíssima no fornecimento de elementos para a compreensão dos seus fenômenos organizacionais. Cada ambiente e estrutura possui os seus mistérios e os seus signos, cabe ao pesquisador interpretá-los para muito além do cretinismo acadêmico que embota o espírito criativo.

Uma escola ecoa a efervescência e a estridência juvenil adestradas pela autoridade professoral, onde livros e amores românticos formam uma bela comunhão. Os laços da primeira sociabilidade humana são construídos na escola, que, não obstante, segrega, oprime, uniformiza os seus alunos. Ninguém é ali avaliado de maneira singular.

Uma fábrica imponente esconde as contradições laborais de seu espaço interior onde operários são explorados e paulatinamente aniquilados pela mais-valia capitalista; quem está de fora da fábrica apenas vê a fumaça que sai das chaminés e ouve o som das sirenes que chama o rebanho laboral para seu trabalho cotidiano, inapelável, e desconhece assim as dores e os suores dos operários ali alocados.

Um quartel aglutina a massa militar em um regime de uniformidade, obediência incondicional e padronização, treinando a soldadesca como uma grande máquina de matar assim que exigido pelo poder estabelecido. Algo muito distante da bela vida militar apregoada pela ingênua consciência burguesa.

Um hospital apresenta a tensão da confluência entre vida e morte, saúde e doença, assepsia e podridão. Os doentes são expulsos do convívio familiar e trancafiados em quartos rigidamente vigiados para que suas moléstias não prejudiquem o bem-estar dos familiares, em uma impiedosa tentativa de se manter uma existência normalizada em todos os segmentos da vida civilizada.

A sociedade moderna, cuja casca civilizatória é laica, separa de forma abrupta a conexão entre os vivos e os mortos. Outrora os defuntos eram enterrados e celebrados nos jardins das igrejas e permaneciam assim presentificados no imaginário sagrado do homem, lembrando-se

constantemente de sua finitude e estimulando as mais variadas disposições reverenciais em relação ao desconhecido mundo suprassensível, que nem mesmo toda a sofisticada teologia cristã foi capaz de explicar razoavelmente. A vida moderna não pode ser freada mais pelo luto e pela lembrança dolorosa daqueles que não estão mais entre nós. Portanto, urge que criemos muros entre os vivos e os mortos, que passarão então a repousar em terrenos afastados do centro nervoso da cidade. Eis assim a consolidação dos cemitérios, os espaços delimitados para que os ossos defuntos repousem perpetuamente e não prejudiquem a boa circulação do produtivismo capitalista. No entanto, mesmo assim os seus fantasmas nos assolam sempre, e apesar toda tentativa de racionalização científica, o mundo continua encantado.

Os meios de transporte abarrotados de gente, ao menos na teoria, tentam se adequar ao crivo da normalidade. Horários regulares, rotas precisas, a circulação humana não pode parar, pois somente assim a vida urbana cada vez mais eufórica, intensa e nervosa consegue manter as condições para sua produtividade. A base de sustentação da sociabilidade moderna é a confiança nas instituições e nos serviços. Confiamos que as cartas serão enviadas para os remetentes e não se extraviarão pelos descaminhos do acaso, confiamos que as bases estruturais dos prédios em que moramos são seguras e não seremos soterrados em eventuais acidentes, confiamos que os alimentos enlatados não nos envenenarão, confiamos na boa vontade de nossos interlocutores e acreditamos que eles não nos agredirão despropositadamente, confiamos em nós mesmos e assim reconhecemos o nosso potencial criativo em um mundo em ebulição de valores, signos, movimentos e forças produtivas.

Temos ainda ambientes que não se enquadram nesses dispositivos reguladores. A vida boêmia nos cafés, nos bares, nos botecos e nos cabarés apresenta uma miríade de sensações, onde o álcool, o fumo, os perfumes, as vozes extasiadas, as ideias críticas e os movimentos dançantes se plasmam em um grande turbilhão humano. Já os teatros nos transmitem a representação recriadora da realidade, onde a tragédia e a comédia estão unidas na dor e no riso. E não podemos nos esquecer dos parques, dos jardins, dos balneários e de quaisquer outros ambientes naturais que expressam o vigor da vida natural, divinizada em cada flor, em cada árvore, na terra bruta, no canto dos pássaros,

na fauna que ainda resiste ao violento arbítrio humano da técnica e do progresso material que torna tudo cinzento, frio e melancólico.

### **O escritório, organismo vivo da vida engessada**

Após a apresentação de um resumo da vida moderna, resta-nos ainda dissertar sobre um dos seus espaços disciplinares cruciais para a nossa presente argumentação: o escritório.

A atmosfera de um escritório tradicional é sufocante, o seu ar é viciado. Um cheiro onipresente de papéis velhos arquivados entorpece os sentidos. A madeira nobre dos móveis exala um odor peculiar de perenidade. O carimbo é o instrumento sagrado do escritório e sem o seu aval nenhum procedimento flui, tal como o selo real expressava a autoridade de vida e de morte do monarca dos tempos antigos. Carimbadas soam como bombas explodindo na enlameada zona de guerra. As teclas da máquina de escrever ressoam como rajadas de fuzil. O politicamente correto nem sempre se faz valer e assim a fumaça tóxica do cigarro elimina todo resquício de salubridade entre os presentes.

A vida burocrática, consolidada na espacialidade do escritório, pressupõe um conformismo autoindulgente, que não raro pode se tornar em um pessimismo prático em relação aos acontecimentos do mundo que ocorrem para além das limitadas fronteiras do gabinete. O burocrata, a grande eminência parda do poder gerencial, adota uma ética cínica para tonificar o seu próprio ânimo já corroído desde muito tempo. Para suportar a mesmice da rotina, são necessários bastante aditivos tonificantes, tais como doses e mais doses de café forte. Esse ambiente asfixiante, fechado, tradicionalmente mal ventilado influencia indubitavelmente a personalidade daqueles que trabalham ali dia a dia e talvez seja um ambiente tão insalubre como as minas de carvão ou as caldeiras das fábricas. Os riscos de morte de um burocrata são absolutamente menores do que os de um operário embrenhado nas máquinas, mas ao se estabelecer profissionalmente em um gabinete esse funcionário jamais será o mesmo, sua compleição psicofísica sofrerá alterações marcantes decorrentes desse trabalho racionalizado, metódico, analítico, desprovido de qualquer senso de inovação.

Certamente o sonho escapista de qualquer burocrata que tenha ainda um pouco de humanidade é o de transferir seu escritório para a praia, sem janelas ou portas. Acima de tudo, mais ar e mais luz. Talvez a presença de um cão ou um gato no escritório lhe daria um ar mais ameno e alegre, um pouco mais de vida em um habitat tão mecânico, tecnicista, vertical. Os pets no escritório são a resistência da contingência natural contra a grande jaula de ferro do mundo gerencial. No entanto, apenas os furtivos ratos se escondem nesse local e exercem sua crítica roedora aos documentos indecentes.

A perda de um documento é uma depravação conforme a dinâmica da vida burocrática, uma desonra para o funcionário que deve controlar todas as transações institucionais. Perder dinheiro é certamente desagradável, mas tanto pior é a perda de um documento, genuína peça sagrada em um mundo cheio de mofo. Tudo deve ser adequadamente pautado e arquivado, nada que esteja fora dos registrados oficiais possui valor legal. Imaginemos quantas informações estão contidas nos depósitos de um escritório, o somatório de vivências, de negociações e de contratos interpessoais.

O mundo fervilha para além das fronteiras do escritório, que é também um panóptico que controla e fiscaliza tudo com seu controle gerencial. O escritório é um resumo da realidade organizacional, um hospital que agrega a busca sôfrega pela precisão tal como uma doença dos nervos, uma escola que forja o aprendizado dos procedimentos gerenciais, um quartel que estabelece os critérios corretos de conduta, uma fábrica que produz serviços standardizados para o bom funcionamento jurídico-social, um cemitério que sepulta o caráter errático e dionisíaco da vida através da racionalidade fria e calculista que, se nega o valor extasiante da embriaguez, exige, por outro lado, o consumo de tonificantes metabólicos para que a performance burocrática não se afete pelas condições estressantes. A vida no gabinete é desprovida de qualquer poeticidade.

Ao abordamos nas linhas precedentes o espírito de gabinete, cabe destacar que, a despeito da pecha negativa que lhe é atribuída pela opinião pública, a burocracia é imprescindível para o desenvolvimento da modernidade social, pois o primado da impessoalidade garante que a demanda do cidadão seja atendida por um serviço racionalizado que segue critérios formais de

conduta, previamente estabelecidos e que não são moldados pelo comportamento espontaneísta do funcionário. Max Weber apresenta uma argumentação que pode ser considerada uma das mais bem conseguidas acerca dessa questão:

A honra do funcionário é a capacidade de executar um comando com sabedoria e de modo rigoroso sob responsabilidade do comandante, mesmo quando a autoridade superior insiste em um comando que lhe pareça falso e, à revelia de suas próprias ideias, fazê-lo como se correspondesse às suas próprias convicções: sem essa disciplina e autonegação éticas no mais alto sentido, desmoronaria todo o aparato (Weber, 2020, p. 45-46)

O padrão das atividades burocráticas, sem ódio nem parcialidade, garante que cada pessoa seja atendida pelo mérito de sua causa e não por sua influência social, tal como ocorriam nas arcaicas tradições clientelistas e patrimonialistas, onde quem é amigo do rei é detentor de mais direitos do que os demais, os canalhas dominam a estrutura gerencial. Obviamente que a pureza burocrática, muitas vezes apenas formal, é usualmente corrompida pela dominação burocrática, que se torna assim um sistema engessado que submete a sociedade civil ao modus operandi imposto pelos detentores do poder de gabinete, alheados assim de qualquer ensejo de promoverem a devida fluidez processual e o bem-estar dos cidadãos.

### **Bartleby, o dissolvente institucional**

Um grande literato, ao analisar a consolidação da burocracia e do sistema gerencial na vida moderna precisa captar com precisão esse conjunto de sensações, e Herman Melville é bem logrado nesse intento. É como se o gabinete também fosse um personagem, um ser dotado de vida própria. Permanecer horas e horas a cada dia circunspecto na realização dos deveres do ofício forja o caráter do funcionário. Tudo ocorre em rígido cumprimento dos procedimentos formais para que obtenha legitimidade jurídica. Muitos talvez não suportem tais condições de labuta e prefiram as aventuras contingentes ao ar livre. Com efeito, a vida de gabinete é regular, sem emoção, despojada das

incertezas axiológicas que tanto incomodam o poder gerencial de nossa sociedade disciplinar.

O narrador de *Bartleby, o escrevente*, é um bem-sucedido advogado dono de um escritório alocado no coração de Wall Street. Seu nome não é citado, mas isso é indiferente. De início três funcionários trabalham com o nobre advogado. Turkey, Nippers e Ginger Nut, cujas características apresentadas são uma espécie de tríptico da grande imagem da vida burocrática, cada uma delas se complementa e mantém o equilíbrio para o bom funcionamento do escritório. E então eis que uma figura curiosa se apresenta nesse espaço para se candidatar a um cargo burocrático, Bartleby, um homem sem genealogia, sem uma história datada (que será descoberta veladamente apenas nos momentos finais da novela, quando o narrador revela que Bartleby trabalhara anteriormente em um departamento público de cartas extraviadas). Deleuze pontua que

Bartleby é o homem sem referências, sem possem, sem propriedades, sem qualidades, sem particularidades: é liso demais para que nele se possa pendurar uma particularidade qualquer. Sem passado nem futuro, é instantâneo (Deleuze, 1997, p. 86).

Bartleby é um ente para além do princípio de representação, um estrangeiro em uma terra cada vez mais codificadora dos signos e dos padrões comportamentais. De início Bartleby cumpre com afinco todas as exigências burocráticas de seu patrão. Estamos diante de um funcionário disciplinado, de conduta exemplar. Mas eis que, após o substantivo engajamento inicial de Bartleby, enuncia-se a sentença que é o resumo de toda a narrativa: “preferiria não” (Melville, 2014, p. 27).

Ora, em um ambiente burocrático, o que significa a recusa de um funcionário em realizar uma simples solicitação de seu gentil patrão? Com efeito, o chefe do estabelecimento é um homem sóbrio, equilibrado, que não exige nenhuma atividade extraordinária dos seus funcionários. Todos são tratados de maneira cordata pelo patrão, que estabelece para com eles uma efetiva relação profissional horizontalizada, onde discutem-se os planos de trabalho, os fluxogramas, os procedimentos técnicos da ordem do dia. Um “preferiria não” fazer o que se é solicitado é assim um entrave para a dinâmica do gerencialismo

burocrático, cujo ritmo de produção não pode parar por contingências pessoais. Afinal, estamos em um gabinete de advocacia, despachos, documentos revisados e protocolados são recorrentes nessa estrutura de poder para que a dinâmica da vida jurídica e seus empreendimentos fluam convenientemente. É perturbador para qualquer burocrata ouvir uma expressão que é plena contingência. O que leva um funcionário assalariado a dizer para o seu superior que “preferiria não fazer” função A ou B? Não é uma mera recusa, mas uma indistinção entre ser e não-ser. Estamos diante de um louco?

É mister que nos afastarmos de qualquer tentativa de analisarmos a extraordinária figura de Bartleby sob uma perspectiva psicológico-psiquiátrica, pois a narrativa de Melville não dá nenhuma orientação de leitura para esse segmento e seríamos rudes filisteus se quiséssemos enquadrar a obra nesse viés axiológico, extremamente limitador. Bartleby, com seu insistente “preferiria não” certamente seria enquadrado pelo discurso médico da sociedade disciplinar como um desajustado, alguém incapaz de se adequar ao crivo da normalidade institucional e suas rígidas regras de conduta convenientes ao modo de produção capitalista. Vejamos aliás o quão perversa é a nossa conceituação de normal: normal é quem se encaixa no sistema social estabelecido, quem não se revolta contra essa estrutura doentia da vida moderna que exige submissão aos processos reificantes do trabalho. mergulhado nas suas atividades burocráticas, consciencioso, mas que não se submete ao ritmo alienante imposto pela aceleração social da vida metropolitana do capitalismo consolidado. Com efeito, a narrativa ocorre em um dos grandes centros nervosos da modernidade capitalista, a autofágica Wall Street, selva de pedra onde negócios são feitos e desfeitos, onde o poder da riqueza empreende uma civilização rígida que despersonaliza todos os homens, mesmo aqueles que são os donos do poder financeiro. Conforme salienta Vincent de Gaulejac,

Gerenciar o humano como um recurso, ao mesmo título que as matérias-primas, o capital, os instrumentos de produção ou ainda as tecnologias, é colocar o desenvolvimento da empresa como uma finalidade em si, independentemente do desenvolvimento da sociedade, e considerar que a instrumentalização dos homens é um dado natural do sistema de produção (Gaulejac, 2007, p. 80)

Ninguém é de fato autônomo em Wall Street, o poder do dinheiro, fetichista, é a verdadeira essência que organiza os modos de vida. Os indivíduos são apenas instrumentos para a consolidação do Moloch-Capital. Quem não consegue acompanhar a dinâmica produtiva desse capitalismo avassalador é descartado, e para que possa se manter competitivo e rentável aos olhos do patronato, o indivíduo deve negar suas próprias necessidades vitais e aproveitar cada momento para produzir e assim se revestir da roupagem da viabilidade perante o regime gerencial. Para Byung-Chul Han,

O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma (Han, 2015, p. 29).

A agitação da semana que excita os sentidos daqueles que participam da dinâmica produtiva de Wall Street cede lugar, nos domingos, ao vazio melancólico de uma cidade melancólica, para que em seguida a mesma intensidade heteróclita de sensações, impulsos e relações torne a preencher o tempo dos indivíduos.

Apesar de a sociedade moderna apresentar uma laicidade aparente nas suas instituições, a antiga ordem moral de mundo encontra-se ainda acoplada em seus dispositivos gerenciais de empenho, disciplina, abnegação, engajamento. Eis então os princípios da superação dos velhos resquícios fundantes de nossa base civilizatória. Quem sabe temos na ação de Bartleby um fogo apocalíptico que transformará em cinzas a massa cimentada da metrópole. Por trás de todo espaço concreto temos um espírito moral que ainda coordena nosso modo de ser, e a disposição aleatória de Bartleby é produtora de confusão e de incerteza, qualidades incompatíveis com a racionalização da ordem mundana de nossa aceleração moderna.

Bartleby é, de um modo idiossincrático, um agente subversivo contra a psicose da sociedade administrada conforme os ditames da positividade, do empenho constante e do trabalho alienado. Muitas foram as vozes e os movimentos que se insurgiram contra o regime de exploração capitalista e suas

mazelas sobre as vidas dos trabalhadores, desde perspectivas reformistas até as mais revolucionárias. Greves e piquetes são táticas fundamentais e viáveis para que os trabalhadores apresentem suas reivindicações por melhorias nas condições laborais, e nem sempre a resposta do poder empresarial é satisfatória, sem esquecermos o fato de que a plutocracia possui o suporte repressivo das forças policiais, disponíveis constantemente para debelar as mobilizações dos trabalhadores organizados. A recusa de Bartleby é tão perigosa para o gerencialismo capitalista como o avanço da consciência socialista entre os trabalhadores do mundo. A diferença crucial consiste no fato de que Bartleby está no cerne do poder, ele faz parte da estrutura burocrática do mundo moderno. A subversão contra as decisões hierárquicas-verticais ocorre assim dentro do próprio sistema. Mesmo que o patrão de Bartleby seja um homem amável e compreensivo que não poupa esforços para trazer Bartleby novamente para o cumprimento correto das suas atividades e esse mesmo patrão de certa maneira é influenciado pelo “preferiria não” de seu excêntrico funcionário, no fundo o que se pressupõe é o retorno da normalidade burocrática, pois a vida neurastênica de Wall Street exige que cada escritório, cada tabelionato, cada máquina produtiva continuem os seus serviços para que a grande engrenagem do poder jamais se afete. Por isso o grande perigo do ato “subversivo” de Bartleby. Imaginemos se porventura cada funcionário recusasse cumprir as ordens dos seus superiores do regime burocrático: o sistema ruiria por dentro.

O que mais incomoda no comportamento não-colaborativo de Bartleby reside na incapacidade de o poder gerencial compreender as suas motivações recônditas. Bartleby não é um líder sindical, não é um socialista, não é um anarquista ou qualquer figura engajada pela causa dos trabalhadores que visa assim modificar as bases do modo de produção capitalista e seu enraizamento ideológico na vida moderna. Bartleby não apresenta um programa político revolucionário. Bartleby sequer advoga da pré-dica da não-violência e não-resistência ao poder opressor, procedimento pacifista que também é subversivo, pois joga contra o opressor o próprio peso de sua força bruta desmedida. Nem mesmo podemos acreditar que Bartleby “preferiria não” fazer o que lhe é solicitado por uma questão de preguiça. O problema ético-profissional da

procrastinação das tarefas prosaicas não faz parte do plano argumentativo da obra.

Bartleby se recusa a responder até mesmo as motivações pelas quais “preferiria não” realizar as funções que lhe são outorgadas, “preferiria não responder” tais inquirições empreendidas por seu patrão que vislumbra decifrar esse grande enigma humano:

- Por que você se recusa?
- Preferiria não (Melville, 2014, p. 29)

Bartleby não nega todas as coisas, tal como é o satânico projeto niilista de Mefistófeles, ele mesmo muito mais envolvente do que bilhões de pessoas sem valor real. Bartleby se nega a realizar aquilo que lhe é demandado conforme o rito burocrático e não esclarece as suas motivações pessoais, sua alma não é desnudada, permanece oculta por essa recusa que adquire traços metafísicos. Temos aqui a sublevação ontológica de toda a ideia de necessidade conforme estabelecida pela tradição filosófica, pois o “preferiria não” é expressão da pura contingência, aquilo que pode ser ou não, sem qualquer substrato fundamental que estabeleça as suas condições de existência. A razão suficiente é suprimida pelo “preferiria não”, pois toda causalidade e encadeamento dos fenômenos deixa de existir. A ação de Bartleby é sem fundamento e não apresenta nenhuma raiz metafísica ou justificativa moral para a sua recusa. Por conseguinte, Bartleby é irrepresentável, encontra-se fora de qualquer limite institucional da ação política e econômica, ainda que sua postura afete de modo direto justamente a dimensão política e econômica do capitalismo, dependente de uma estrutura burocrática invisível para funcionar adequadamente.

Qualquer movimento de contestação aos malefícios do regime capitalista na vida humana é considerado pelo poder gerencial mais razoável do que a postura de Bartleby, agende subversivo contra a grande ordem sem o saber, talvez. Com efeito, os socialistas, os comunistas, os anarquistas, os sindicalistas, as mobilizações trabalhistas, sejam elas mais explosivas ou apenas reformistas, todas elas são apreensíveis pela intelligentsia burguesa, pois são movimentos programáticos de pessoas unidas em nome da superação do modo de produção

capitalista ou ao menos dos seus abusos econômicos e sociopolíticos. O patronato sabe o que querem os trabalhadores engajados na grande luta contra os ditames capitalistas, e mesmo que esse vil patronato, com sua mesquinhez característica não queira satisfazer nenhuma demanda do proletariado, ao menos existe um reconhecimento concreto dessas pautas contestatórias. A maledicência patronal não hesita em cooptar lideranças operárias para que atuem de modo pelego contra os interesses laborais dos seus camaradas, prejudicando a grande luta emancipatória da classe trabalhadora. Bartleby, por sua vez, não apresenta qualquer agenda, nenhuma pauta. Desse modo, Bartleby, mais do que incorruptível, não pode ser cooptado pois não se faz compreender pelos detentores do poder econômico. E isso é deveras amedrontador para uma estrutura social adestrada a atuar de maneira instrumental, onde cada gesto e cada ato são cada vez mais previsíveis. Conforme o atônito narrador da novela argumenta,

Não são raros os casos em que o homem, quando subjugado de forma violentamente irracional e sem precedentes, passa a desacreditar de si as mais profundas convicções (Melville, 2014, p. 30).

Bartleby se contrapõe, de modo intuitivo, ao dispositivo normativo da positividade, onde sempre deve haver a disponibilidade funcional para o trabalho, sem qualquer entrave pessoal que demonstre apatia ou desacordo com as tarefas que lhe são outorgadas pela inteligência superior. Todo argumento de autoridade, legitimado por sua competência profissional, é descartado sem qualquer pudor por aquele que não molda a sua existência concreta sob os ditames da positividade. Toda limitação pessoal deve ser escamoteada pela devoção ao trabalho.

Um soldado pode se recusar a cumprir as ordens dos seus oficiais por objeção de consciência (mesmo com os riscos de sofrer uma punição pela corte marcial), um operário pode se recusar a trabalhar conforme o ritmo determinado pelo capataz, um estudante pode se recusar a realizar os exercícios propostos pelo professor, o professor pode descumprir decisões do seu diretor, um paciente pode não aceitar as prescrições do médico, um coveiro pode quiçá se

recusar a enterrar um cadáver e assim subverter a rígida separação ente vivos e mortos. A desobediência individual em relação aos mandamentos de uma autoridade superior dotada do discurso competente é corriqueira mesmo em estruturas sociais rígidas e normativas. Contudo, a recusa constante de Bartleby em realizar os mais simples apelos de seu patrão é capaz de abalar os fundamentos de nossa sociedade moderna, e assim colapsar todo o complexo sistema de informações que conectam os departamentos e os segmentos funcionais das organizações.

A administração científica luta contra toda forma de acaso, acidente, contingência, de modo que o homem se submete ao sistema, considerado uma nova etapa na organização social: “No passado, o homem estava em primeiro lugar; no futuro, o sistema terá a primazia” (Taylor, 2012, p.23). Esse dispositivo visa desbaratar toda forma de dissensão entre trabalhadores e patrões mediante a aplicação de métodos de controle, fiscalização e monitoramento técnico dos movimentos laborais dos operários, desprovidos de iniciativa e assim submetidos aos ditames ulteriores da engenharia produtiva das escalas hierárquicas superiores, essas sim dotadas de autonomia para o estabelecimento das determinações gerenciais.

A dimensão humana e sua potencialidade criadora é esvaziada em prol da rigidez formal dos processos produtivos, hierárquicos, uma grande cadeia que conecta os corpos laborais previamente docilizados para melhor gerenciar essa energia humana maquinizada. Para se vencer os prejuízos decorrentes do acaso, a aplicação das normas tecnocráticas seria a garantia da vitória da máquina organizacional sobre todas as incertezas sociais: “A previsão, a organização, a coordenação e o controle fazem parte, não há dúvida, da administração, de acordo com o conceito corrente desse termo [...]. Administrar é prever, organizar, comandar, coordenar e controlar” (Fayol, 2012, p. 25; p. 26). A administração se configura assim como a ciência por excelência da sociedade disciplinar, pois conjuga uma diversidade de expertises gerenciais-tecnocráticas para promover a otimização das capacidades humanas, exploradas matematicamente até o esgotamento de cada energia individual dedicada ao labor, para maior lucratividade empresarial. Foucault apresenta uma análise bastante perspicaz sobre esse dispositivo:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que se operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência (Foucault, 2010, p. 133-134).

Ainda que tenham ocorridos diversas modificações ideológicas no espírito gerencialista, permanece incólume o intento de retirar da subjetividade humana sua personalidade e singularidade, pois são qualidades do âmbito da contingência, o terror de toda precisão gerencial e seus cálculos de riscos. Daí a importância de refletirmos criticamente acerca das contradições axiológicas da expertise administrativa: educamos jovens ávidos de busca por inovação e por sucesso para que se tornem idiotas pois, não obstante as eventuais conquistas financeiras, aceitaram se enquadrar na claustrofobia da vida unidimensional de rentabilidade incondicional. Bartleby não é uma pessoa viável para o mundo necrófilo que nos molda, e por isso somente a prisão pode impedir que sua ação contingente de sempre preferir não fazer algo, que não fere ninguém fisicamente, cause mais estragos na civilização tecnocrática.

### **Considerações Finais**

A narrativa de Herman Melville apresenta, talvez de forma despretensiosa, uma crítica da racionalidade instrumental e do gerencialismo tecnocrático da sociedade administrada, que faz da positividade produtiva e o engajamento contínuo dos corpos laborais um paradigma fundamental para o desenvolvimento do modo de produção capitalista. Sufocado por um projeto econômico de aproveitamento máximo de cada centelha energética individual na dinâmica laboral, o ser humano se converte em uma coisa quantificável e em um dado estatístico, ao dispor de um sistema alienado de produção criado pela própria engenhosidade humana que, no entanto, se volta contra o recôndito de cada um de nós. Resgatar a dignidade da condição humana mais do que nunca

é um grande ato subversivo, e Bartleby, na sua hiperbólica absurdidade do “preferiria não” que preenche todas as interações de sua existência, se torna então um símbolo exemplar para que compreendamos a falta de sentido de um padrão existencial que depende da banalidade recorrente para consolidar a sua eficácia gerencial. A apresentação do espírito corporativo do sistema burocrático é retomada posteriormente por muitos outros literatos renomados, circunstância que ratifica a importância filosófica e social de abordarmos os impactos do poder dos escritórios, departamentos e gabinetes na constituição prosaica de nossas vidas, marcando profundamente nossa própria conduta e relações interpessoais.

## Referências

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FAYOL, Henri. **Administração industrial e geral**. Trad. de Irene de Bojano e Mário de Souza. São Paulo: Atlas, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Trad. de Ligia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 2010.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Trad. de Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias e Letras, 2007.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

MELVILLE, Herman. **Bartleby, o escrevente**. Trad. de Bruno Gambarotto. São Paulo: Grua, 2014.

TAYLOR, Frederick W. **Princípios de administração científica**. Trad. de Arlindo Vieira Ramos. São Paulo: Atlas, 2012.

WEBER, Max. **Política como vocação e ofício**. Trad. de Gabriel Philipson. Petrópolis: Vozes, 2020.